

O TRABALHO DE CAMPO NA PESQUISA CIENTÍFICA

ASPECTOS PRÁTICOS



TEXTO E FOTOS:

GUACIARA FREITAS.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Esclarecemos que nem sempre a chamada “pesquisa de campo”, requer incursões em ambientes exóticos ou aproximações com grupos sociais distantes da realidade do pesquisador. Aliás, é bem possível que o campo seja o bairro, o ambiente escolar, uma biblioteca, a televisão, a internet etc.

Também é necessário dizer que nem sempre a chamada ida ao campo integrou o fazer científico e ainda hoje não podemos afirmar que seu prestígio seja algo generalizado ou que ela participe de todo tipo de investigação. Entender a inserção da pesquisa de campo na atividade científica, requer uma olhadinha para trás, na história da institucionalização das Ciências Sociais.

Esse movimento é, em boa parte, consequência das demandas do Estado moderno, que necessitava organizar e racionalizar as mudanças sociais que aconteciam entre o final do século XVIII e início do XIX, na Europa.

Para organizar, era necessário analisar e entender a sociedade,

por caminhos que a ciência (até então reconhecida na sua dimensão aplicável, que na Modernidade passou a ser chamada de Naturais), não dava conta.

Nesse contexto social moderno, quando os europeus reconheceram que o mundo era maior do que a circunferência de seus umbigos, lançaram-se ao encontro, e frequentemente ao domínio, de “outros” povos. Assim, com a criação do que Wallerstein (1996) denomina “moderno sistema-mundo”, entra em cena uma das novas áreas resultantes do processo de disciplinarização das Ciências Sociais: a Antropologia, que “começou sobretudo fora das paredes da instituição universitária, e antes de mais nada como uma prática de exploradores, viajantes e funcionários dos serviços coloniais das potências europeias” (Wallerstein, 1996, p.38).

O objeto da Antropologia demandou um tipo de metodologia até então muito específica, denominada “trabalho de campo”, da qual, fazia parte a



a observação participante, frequentemente, a fim de favorecer o conhecimento aprofundado da cultura do grupo estudado.

Pelo que temos observado, essa inspiração etnográfica tem sido incentivadora do movimento de pesquisa em diversas áreas, nos últimos tempos.

ASPECTOS PRÁTICOS DO TRABALHO DE CAMPO

Apesar do preâmbulo contextualizador que fizemos acima, queremos focalizar a dimensão prática do trabalho de campo. Para isso destacamos quatro etapas principais:

- 1) identificação da necessidade do campo;
- 2) PLANEJAMENTO;
- 3) Procedimentos em campo;
- 4) organização do material coletado.

A primeira etapa requer do pesquisador discernimento sobre seu objeto e sobre seu problema de pesquisa. Sem saber qual é o objeto de estudo e qual a questão que move sua investigação é impossível saber se será ou não necessário realizar uma atividade de campo, onde ela acontecerá e como pode planejá-la. Essa afirmação reforça uma outra: o pesquisador não impõe (ou ao menos não deveria impor) nada à pesquisa. Ele na verdade escuta o que o objeto pede. Não é preciso ter superpoderes, nem ser ungido por nenhuma divindade para conseguir fazer isso. Basta estar sinceramente atento, visceralmente ligado com sua pesquisa.

Se o objeto de estudo é um fenômeno que envolve uma realidade e/ou um conjunto de relações, movimentos, que necessitam ser observados de perto para fornecer mais pistas de construção

do conhecimento, o campo chama.

A segunda etapa, colocada acima com letras maiúsculas, **PLANEJAMENTO**, é essencial, principalmente por que está relacionada a duas coisas que geralmente nunca temos o suficiente para a pesquisa: **tempo** e **dinheiro**.

Se o campo exige uma viagem, é necessário pensar nos mínimos detalhes: contatos prévios com pessoas estratégicas para sua permanência no local; tipos de deslocamentos que serão necessários; tipo de bagagem que vai carregar, dependendo do tipo de transporte; equipamentos que vão ser transportados e para quê; hospedagem (onde e por quanto tempo); condições fitossanitárias (precisa tomar vacina antes? Você pode?); previsão das atividades realizadas em cada dia; alimentação (onde comprar ou como transportar quando for necessário); remédios e custo de tudo.

Sobre o custo, se sua pesquisa conta com algum tipo de financiamento, fique grudado com a máquina de calcular e não gaste nada que não possa ser

comprovado ou que não seja autorizado pelo tipo de financiamento que dispõe.

Fica a dica: **anote TUDO**, por mais que você ache que vai se lembrar depois. Em suma, essa etapa aciona uma característica que Miriam Goldenberg (2015) elenca entre os atributos internos necessários ao pesquisador: **organização**.

Mesmo que você não tenha, vai precisar exercitar.

Vale fazer uma ressalva sobre a etapa do planejamento: por mais organizado que seja, algo (ou muitas coisas), vai dar errado. Melhor dizendo: provavelmente algumas coisas vão acontecer de uma forma diferente do que foi previsto. Isso faz com que todo o esforço do planejamento seja jogado fora? Não. Se uma situação adversa o encontra planejado, você certamente estará mais preparado para lidar com ela. Já se você não estiver bem planejado, vai ficar como um barco à deriva. O planejamento ajuda a enxergar com mais clareza as situações e a tomar decisões mais favoráveis ao seu trabalho de campo.

Assim chegamos à terceira etapa: os procedimentos em campo. Aqui entra uma dimensão do que foi planejado na etapa anterior, a previsão das atividades de cada dia. Nesse item o pesquisador aciona muitos dos atributos internos mencionados por Goldenberg (idem): **interesse real, paciência, paixão, criatividade, concentração, respeito ao entrevistado, curiosidade, delicadeza, disciplina e ética.**

Um catatau de coisas, né? E todas elas favorecem o bom andamento do trabalho.

Suponhamos que para o primeiro dia o pesquisador tenha previsto entregar um questionário para as pessoas responderem. Mas, ao chegar em campo, no primeiro dia, o convidam para um passeio ou uma festa local e lá ele teve a sensibilidade de perceber que se apresentasse o questionário, quebraria o clima, a empatia e a confiança que começaram a ser construídos naquela breve convivência. O que faz? Empurra o questionário goela abaixo dos “informantes”? Não.

Melhor esperar outro momento. E então, o outro momento chega e

ao invés de entregar o questionário para as pessoas responderem sozinhas, o pesquisador nota que será melhor se ele fizer as perguntas e o preenchimento. Nesse processo, ocorre um desdobramento e a pessoa quer falar sobre outras coisas, que não estavam no questionário e que têm relação com o as questões perguntadas. O que faz o pesquisador? Diz: “não, muito obrigada, não quero saber nada além do que lhe perguntei, tchau!”. Sugiro não fazer isso e sim aproveitar a oportunidade para conseguir mais informações. Nesse caso é um bônus: no próprio papel (ou tela) do questionário é possível ir anotando mais coisas e de repente, um instrumento de pesquisa se converteu em outro: o questionário virou formulário e depois se transformou em entrevista. O importante é não perder o foco.

Outra dica: em campo, o tempo que prevalece não é o tempo do sujeito pesquisador, é o tempo do sujeito que muitas vezes chamamos “objeto”, mas que não é um mero objeto de nossa pesquisa.

GRAND TOTAL

\$ 150.000,00

mesmo que para nós, em alguns momentos da vida, ela pareça a coisa mais importante do mundo.

Em resumo, os procedimentos em campo requerem **flexibilidade e sensibilidade** do pesquisador, de modo que consiga realizar a pesquisa mesmo que não seja exatamente do modo como previu. Considero que exercitamos em campo um estado de alerta permanente, para ficarmos atentos a tudo que possa ser uma informação, mesmo que chegue por uma via imprevista.

Ainda sobre os procedimentos em campo, embora muitos pesquisadores “esqueçam”, para realizar entrevistas, fotografar, filmar, gravar e poder usar o material coletado depois, **é importante pedir autorização às pessoas**. Às vezes, basta gravar o pedido da autorização e o consentimento do entrevistado no próprio áudio em que você inicia identificando a data, o nome do entrevistado e a pesquisa. Mas, esse pedido, muitas vezes é apenas para gravar o áudio e não para utilizar as informações ou as imagens em publicações, por exemplo. Por isso, recomendo levar para o campo várias cópias impressas de autorizações de uso de declarações e imagens.

Dependendo do instrumento que você vai utilizar, adote um tipo de documento. Por exemplo, se você vai fazer um grupo focal, um grupo de discussão ou uma roda de conversa,

pode ser melhor utilizar um documento de autorização coletiva, onde todo mundo assina no mesmo papel. Sinceramente, às vezes acho que quando apresentamos esse papel para as pessoas autorizarem o uso, elas ficam um pouco desconfiadas de início, mas, por outro lado, essa atitude demonstra a responsabilidade do pesquisador.

Há outros tipos de autorizações, como aquelas que necessitamos para entrar em alguns territórios, como no caso de áreas de preservação ambiental, em que o pesquisador precisa obter autorização oficial. No Brasil, para estes casos, o pesquisador tem de solicitar autorização ao ICMBio, através de um sistema chamado SISBIO.

Se sua atividade de campo vai levar três dias, três semanas ou três meses, se o trabalho seguir bons rumos, você vai ver que a pesquisa ganha muito mais do que informação, ganha nuances, ganha intensidade e a tendência é que você fique mais apaixonado pelo objeto. Mas cuidado! Por que a paixão cega e pesquisadores necessitam ter sentidos atentos e aguçados, por isso, é prudente

fazer suas anotações todos os dias, ao final do dia de trabalho. Tá bom, às vezes a rotina do lugar não permite que você faça as anotações diárias à noite, mas se não pode anotar, grave suas observações para si mesmo. E assim que voltar recapitule as informações na mente e registre tudo que lembrar de importante.

Essa orientação pode parecer firula, porque enquanto a experiência está fresquinha, a gente acha que vai se lembrar de todos aqueles detalhes por dias a fio, mas não vai! Imagine que quando você for escrever seu texto um ou dois anos depois, a sua memória vai sentir falta de alguns detalhes e será reavivada com as suas anotações.

Finalmente chegamos à última etapa, aquela que realizamos quando “não estamos mais” em campo: a organização do material. Obviamente, se você chega e deixa o tempo passar para baixar as imagens, as entrevistas gravadas, identificar todos os documentos com nomes, datas, situações, esse material vai se acumulando e depois você pode comprometer seu bom aproveitamento por não ter sistematizado da melhor maneira.

Você vai perceber que quando organiza o material coletado em campo, faz outra viagem, revê as coisas sob outra perspectiva, tem *insights*, atenta para coisas que não havia prestado atenção.

Você pode rir ao lembrar de um episódio ou pode querer bater com a cabeça na parede ao se dar conta daquela pergunta que não fez e que não terá mais a chance de fazer.

E assim, você vai descobrindo as dores e delícias de ser um(a) pesquisador(a) e aprender, apreender e apaixonar-se (ou não por esse ofício) cada vez mais.

Referências bibliográficas:

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. [et al]. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.

* Texto publicado originalmente no sitio sociocomunicacionais.org, em 22 de março de 2017. O referido site foi desabilitado, um ano após a conclusão da pesquisa que motivou a criação dele.